

08-2020

bell hooks e eu não sou uma mulher?

MULHERES NEGRAS E FEMINISMO

Tradução
Bhuvi Libanio

5ª edição

 **rosa** dos
tempos

Rio de Janeiro
2020



surgir de sentimentos de culpa, responsabilidade moral, vitimização ou fúria. Pode brotar de um sincero desejo de sororidade e a percepção pessoal e intelectual de que racismo entre mulheres enfraquece o potencial radicalismo do feminismo. Pode brotar de nosso conhecimento que racismo é um obstáculo em nosso caminho e deve ser removido. Mais obstáculos são criados, simplesmente por nos envolvermos em debates infundáveis sobre quem o colocou lá.

5. Mulheres negras e o feminismo

Mais de cem anos se passaram desde o dia em que Sojourner Truth* se levantou, diante de um grupo organizado de mulheres e homens brancos, em uma reunião antiescravista em Indiana e mostrou os seios para provar que, de fato, era uma mulher. Para Sojourner, que percorreu a longa estrada entre escravidão e liberdade, desnudar os seios era um problema

* Sojourner Truth (1797-1883) é uma das mais famosas abolicionistas negras dos Estados Unidos, conhecida por falar, sobretudo, para pessoas brancas, com um discurso baseado na razão e na religião. Nascida Isabella Baumfree em uma família de provavelmente doze crianças escravizadas, ela teve vários proprietários, até que conquistou a liberdade ao fugir, em 1826, deixando o marido e cinco filhos. Na ocasião, ela foi acolhida por um casal que comprou para libertá-la. Isabella Baumfree adotou o nome Sojourner Truth, que literalmente significa "visita da verdade", quando decidiu cumprir a missão que acreditava ter: viajar para pregar a palavra de Deus. Foi o orador, autor e reformista negro Frederick Douglass que a introduziu no movimento abolicionista. Entre outras causas, Truth lutou pelo direito de as pessoas negras compartilharem o bonde com as pessoas brancas em Washington e por terras para pessoas libertas da escravidão que viviam na pobreza, desabrigadas, depois do fim da Guerra Civil. Foi quando se deu conta de que sofria discriminação tanto racista quanto sexista que Sojourner Truth assumiu também o papel de porta-voz do movimento pelos direitos das mulheres. Ela foi a primeira mulher negra a ganhar um processo no tribunal contra um homem branco, que ilegalmente vendeu um de seus filhos para uma plantação no Alabama. Arrebatadora, Sojourner Truth está entre as cem pessoas mais importantes dos Estados Unidos, segundo a Smithsonian Institution. [N. da T.]

pequeno. Ela encarou a plateia sem medo, sem vergonha, orgulhosa por ter nascido negra e mulher. Ainda assim, o homem branco que gritou para Sojourner “Eu não acredito que você é realmente uma mulher” involuntariamente expressou o desprezo e o desrespeito dos Estados Unidos pela mulheridade negra. Aos olhos do público branco do século XIX, a mulher negra era uma criatura indigna de receber o título de mulher; ela era um mero bem material, uma coisa, um animal. Quando Sojourner Truth se colocou diante da segunda convenção anual do movimento pelos direitos das mulheres, em Akron, Ohio, em 1852, as mulheres brancas que julgavam ser inadequado para uma mulher negra falar em uma plataforma pública na presença delas gritaram: “Não a deixem falar! Não a deixem falar! Não a deixem falar!” Sojourner aguentou os protestos e se tornou uma das primeiras feministas a chamar a atenção delas para o destino da mulher negra escravizada que, forçada pelas circunstâncias a trabalhar ao lado dos homens negros, era a personificação viva da verdade de que as mulheres poderiam estar em igualdade com os homens no trabalho.

Não foi mera coincidência terem permitido que Sojourner Truth subisse ao palco depois de um homem branco discursar contra a ideia de igualdade para as mulheres, fundamentando seus argumentos na noção de que a mulher era muito fraca para realizar o trabalho manual que lhe era designado – de que ela, por natureza, era fisicamente inferior ao homem. Sojourner não demorou para responder ao argumento dele, dizendo para a plateia:

[...] Bem, crianças, onde há muita algazarra deve ter alguma coisa que não está certa. Penso que entre as negras do Sul e

as mulheres do Norte todas estão falando sobre direitos, os homens brancos logo, logo vão ter problemas. Mas sobre o que isso tudo aqui está falando? Que o homem lá fala que as mulheres precisam de ajuda para subir na carruagem, para passar sobre valas e para ter os melhores lugares [...] e eu não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! [...] Eu lavei e plantei e juntei os grãos no celeiro e nenhum homem conseguia passar na minha frente – e eu não sou uma mulher? Eu conseguia trabalhar tanto quanto qualquer homem (quando conseguia trabalho), e aguentar o chicote também – e eu não sou uma mulher? Pari cinco crianças e vi a maioria delas ser vendida para a escravidão, e quando chorei meu luto de mãe, ninguém além de Jesus me ouviu – e eu não sou uma mulher?

Diferentemente da maioria das defensoras dos direitos das mulheres, Sojourner Truth podia se referir à própria experiência de vida como prova da habilidade da mulher de estar na função de mãe; de estar em pé de igualdade com o homem no trabalho; de suportar perseguição, abuso físico, estupro, tortura; e de não somente sobreviver, mas emergir triunfante.

Sojourner Truth não foi a única mulher negra a defender a igualdade social para as mulheres. Seu desejo por falar em público em favor dos direitos das mulheres, apesar da desaprovação e resistência pública, abriu caminho para outras mulheres negras politicamente conscientes expressarem seu ponto de vista. O sexismo e o racismo moldaram tanto a perspectiva dos historiadores estadunidenses que a tendência deles era ignorar e discriminar os esforços das mulheres negras nos debates sobre o movimento estadunidense pelos

direitos das mulheres. As acadêmicas brancas que apoiavam a ideologia feminista também ignoraram a contribuição das mulheres negras. Em trabalhos contemporâneos, como *The Remembered Gate: Origins of American Feminism*, de Barbara Berg; *Herstory* [História dela], de June Sochen; *Hidden from History* [Escondida da história], de Sheila Rowbothan; *The Women's Movement* [O movimento de mulheres], de Barbara Dechard, apenas para falar de alguns, o papel da mulher negra como defensora dos direitos das mulheres no século XIX nunca é mencionado. O livro de Eleanor Flexner, *Century of Struggle* [O século da luta], que foi publicado em 1959, ainda é um dos muito poucos trabalhos históricos longos sobre o movimento pelos direitos das mulheres que registra a participação das mulheres negras.

A maioria das mulheres envolvidas na recente movimentação direcionada a uma revolução feminista pressupõe que as mulheres brancas iniciaram toda a resistência ao chauvinismo masculino na sociedade estadunidense, além de pressupor que as mulheres negras não estão interessadas na libertação das mulheres. Ainda que seja verdade o fato de as mulheres brancas terem liderado todos os movimentos direcionados à revolução feminista na sociedade estadunidense, a dominação delas é menos um sinal de desinteresse das mulheres negras pela luta feminista do que um indicativo de que a política da colonização e o imperialismo racial fizeram com que fosse historicamente impossível para as mulheres negras, nos Estados Unidos, liderarem um movimento de mulheres.

As mulheres negras do século XIX eram mais conscientes da opressão sexista do que qualquer outro grupo de mulheres na sociedade estadunidense jamais foi. Elas não somente eram o grupo de mulheres mais vitimizadas pela

discriminação e opressão sexistas, como também eram tão sem poder que sua resistência raramente tomava forma de ação coletiva organizada. O movimento do século XIX pelo direito das mulheres poderia ter proporcionado um fórum para as mulheres negras abordarem suas queixas, mas o racismo das mulheres brancas barrou a participação delas por completo no movimento. Além disso, serviu como um lembrete sombrio de que o racismo precisava ser eliminado para que as mulheres negras pudessem ser reconhecidas como uma voz igual à das mulheres brancas na questão dos direitos das mulheres. As organizações e clubes de mulheres, no século XIX, eram quase sempre segregados por raça, mas isso não significava que as mulheres negras participantes dos grupos eram menos comprometidas com os direitos das mulheres do que as participantes brancas.

Os historiadores contemporâneos tendem a enfatizar demais o compromisso das mulheres negras do século XIX de eliminar o racismo para fazer parecer que o envolvimento delas com a luta antirracismo inviabilizava a participação nas atividades voltadas para os direitos das mulheres. Um exemplo dessa tendência pode ser encontrado na obra de June Sochen *Herstory*, em que ela debate a organização das mulheres brancas no capítulo intitulado "The Women's Movement" [O movimento das mulheres], mas debate a organização das mulheres negras no capítulo intitulado "Old Problems: Black Americans" [Problemas antigos: estadunidenses negras], uma categorização que deixa implícita a ideia de que as organizações de mulheres negras surgiram como parte do esforço geral das mulheres negras para acabar com o racismo, não a partir da participação delas em movimento de mulheres. Sochen escreveu:

Os clubes de mulheres negras eram organizados por localidade para realizar serviços de caridade e de educação. Com propósito e natureza similares aos clubes de mulheres brancas, a National Association of Colored Women (NACW) foi criada em 1896 e, liderada por Mary Church Terrell (1863-1954), em quatro anos tinha mais de 100 mil membros em 26 estados. Enquanto uma filial local organizava um hospital para pessoas negras, em outra, desenvolvia um programa para crianças negras dessa comunidade.

Uma das primeiras mulheres negras a se formar na Oberlin College, Mary Church Terrell era uma articulada e proeminente porta-voz dos direitos das estadunidenses negras. Uma pessoa extraordinária, que passou sua longa vida trabalhando pela liberdade das pessoas negras. Ela era uma boa palestrante e escritora defensora de uma variedade de causas. Além de estar à frente da NACW, a Sra. Terrell fez campanha contra linchamentos, integrou a National Association for the Advancement of Colored People (NAACP) [Associação Nacional para o Desenvolvimento de Pessoas Negras] e também trabalhou no movimento para o sufrágio. Ela representou as mulheres negras em várias reuniões nacionais e internacionais.

A partir da informação fornecida por esses parágrafos, os leitores podem facilmente concluir que Mary Church Terrell era uma obstinada porta-voz dos direitos das estadunidenses negras, que não se preocupava excessivamente com os direitos das mulheres. Não era assim. Como presidenta da National Association of Colored Women, Mary Church Terrell trabalhou arduamente para envolver as mulheres negras na luta pelos direitos das mulheres. Sua principal preocupação era que elas lutassem para obter equidade social para seu sexo na esfera

da educação. O fato de Mary Church Terrell estar, assim como a maioria das defensoras dos direitos das mulheres negras, comprometida em também erguer sua raça como um todo de maneira alguma atenuava o fato de que o foco de sua atenção estava na mudança do papel das mulheres na sociedade. Se Terrell tivesse se considerado porta-voz da raça negra como um todo, ela não teria publicado *A Colored Woman in a White World* [Uma mulher de cor em um mundo branco], uma narrativa que debate o status social das mulheres negras e o impacto do racismo e do sexismo na vida delas.

Nenhuma historiadora feminista branca escreveria sobre os esforços de Lucy Stone, Elizabeth Stanton, Lucretia Mott e outras para iniciar reformas sociais que afetariam, principalmente, as mulheres brancas, como se seus esforços fossem completamente separados da questão dos direitos das mulheres. Ainda assim, as historiadoras que se rotulam feministas continuamente minimizam a contribuição das defensoras dos direitos das mulheres negras, quando insinuam que o foco delas era somente em medidas voltadas para a reforma racial. Devido ao imperialismo racial branco, as mulheres brancas conseguiram organizar grupos como o Women's Christian Temperance Union [União Cristã Feminina da Temperança], Young Women's Christian Association [Associação Cristã de Mulheres Jovens], General Federation of Women's Clubs [Federação Geral de Clubes de Mulheres], sem afirmar explicitamente nas descrições que essas organizações eram exclusivamente brancas. As mulheres negras se identificavam racialmente nomeando seus grupos Colored Women's League [Liga das Mulheres Negras], National Federation of Afro-American Women [Federação Nacional de Mulheres

Afro-Americanas], National Association for Colored Women [Associação Nacional de Mulheres Negras], e porque se identificavam por meio da raça, as acadêmicas concluíram que o interesse delas em elevar as pessoas negras como grupo ofuscou seu envolvimento com a luta das mulheres para realizar uma reforma social. Na verdade, as organizações de mulheres negras para a reforma eram solidamente enraizadas no movimento de mulheres. Foi em reação ao racismo das mulheres brancas e ao fato de que os Estados Unidos permaneciam uma sociedade com uma estrutura social de *apartheid* que as mulheres negras se viram obrigadas a manter o foco em si mesmas, em vez de focar em todas as mulheres.

A ativista negra Josephine St. Pierre Ruffin tentou trabalhar com organizações de mulheres brancas e descobriu que as mulheres negras não poderiam depender do incentivo das mulheres brancas racistas para participar totalmente do movimento de reforma das mulheres; conseqüentemente, ela intimou as mulheres negras a se organizarem para abordar suas próprias questões. Na First National Conference of Colored Women [Primeira Conferência Nacional de Mulheres Negras], em Boston, em 1895, ela falou ao público:

Os motivos que temos para debater essas ideias são tão óbvios que poderia parecer desnecessário enumerá-los, ainda assim, não há mais do que uma obrigação nossa de fazer uma séria avaliação. Em primeiro lugar, precisamos sentir a alegria e a inspiração de nosso encontro, precisamos conquistar a coragem e a vida nova que resultam dessa mistura das almas agradáveis, aquelas trabalhando pelos mesmos fins. Em seguida, precisamos falar não somente

sobre as coisas que são de vital importância para nós, mulheres, mas também sobre as coisas que são de especial interesse para nós, mulheres negras, a educação de nossas crianças, a liberdade para nossos meninos e nossas meninas, de que maneira eles e elas podem se preparar para profissões e quais profissões podem ser encontradas ou podem estar disponíveis para eles e elas, o que podem fazer principalmente em relação à educação moral da raça com a qual nos identificamos, nossa elevação da mente e nosso desenvolvimento físico; é necessário oferecer educação em casa a nossas crianças e prepará-las para conhecer as condições peculiares nas quais podem se encontrar; como aproveitar ao máximo nossas próprias, até certo ponto limitadas, oportunidades. Essas são algumas de nossas próprias questões peculiares a serem discutidas. Além dessas, existem as questões do momento, às quais não temos condições de sermos indiferentes [...].

Ruffin não incentivou as defensoras dos direitos das mulheres negras a trabalharem somente pela melhora das condições delas, ela defendia a ideia de que as mulheres negras precisavam se organizar para liderar um movimento de mulheres que abordasse as preocupações de todas as mulheres:

Nosso movimento de mulheres é um movimento de mulheres liderado e dirigido por mulheres para o bem das mulheres e dos homens, para o benefício de toda a humanidade, que é maior do que qualquer ramificação ou seção dele. Queremos e pedimos o interesse ativo dos nossos homens também, e, além disso, não estamos determinando um limite de cor; somos mulheres, mulheres estadunidenses, tão intensamente interessadas

em tudo o que nos envolve quanto todas as demais mulheres estadunidenses; não estamos nos alienando ou nos retirando, estamos apenas nos colocando à frente, dispostas a aderir a quaisquer outras no mesmo trabalho e cordialmente convidando e acolhendo quaisquer outras para se juntarem a nós.

Outras defensoras dos direitos das mulheres negras ecoaram esses sentimentos de Ruffin. Apesar do fato de o imperialismo racial branco ter excluído as mulheres negras da participação em grupos com as mulheres brancas, elas permaneceram comprometidas com a crença de que os direitos das mulheres poderiam ser alcançados somente se as mulheres se juntassem formando uma frente unida. Ao falar durante o World Congress of Representative Women, a sufragista negra Fannie Barrier Williams deixou claro que as mulheres negras eram tão comprometidas com a luta pelos direitos das mulheres quanto qualquer outro grupo de mulheres. Em seu discurso, ela falou da crença de que as mulheres unidas em solidariedade política causariam um tremendo impacto na cultura estadunidense:

O poder da mulheridade organizada é um dos estudos mais interessantes da sociologia moderna. Anteriormente, as mulheres tinham tão pouca consciência umas das outras, seus interesses em comum eram tão sentimentais e fofoqueiros, e os conhecimentos sobre questões mais amplas da sociedade humana, tão escassos, que uma organização entre elas, no sentido moderno, era impossível. Agora, sua inteligência liberal, seu contato com todo o grande interesse em educação e sua crescente influência para o bem em todos os grandes movimentos de reforma

desta era criaram nelas um respeito maior umas pelas outras e proporcionaram elementos de organização para propósitos grandes, magníficos. O mais alto domínio do desenvolvimento da mulher foi alcançado quando elas se tornaram mentalmente fortes o suficiente para encontrar pontos de conexão entrelaçados com empatia, lealdade e confiança mútua. Hoje, a união é a palavra de ordem da marcha progressiva da mulher.

Apesar de a segregação racial ter sido norma nas organizações de mulheres, as medidas para reformas iniciadas por grupos de mulheres brancas e negras não eram totalmente diferentes. Distinguiam-se apenas porque as mulheres negras incluíram em sua luta pela reforma medidas voltadas para a solução de problemas especificamente enfrentados por elas. Um desses problemas era a tendência geral entre os estadunidenses brancos, e até mesmo de algumas pessoas negras que sofreram lavagem cerebral, de considerar as mulheres negras sexualmente imorais, promíscuas e devassas – um estereótipo negativo que teve origem na mitologia sexista estadunidense. Assim, enquanto as organizações de mulheres brancas conseguiam concentrar sua atenção em medidas reformistas gerais, as mulheres negras precisavam lançar uma campanha para defender sua “virtude”. Como parte da campanha, elas escreveram artigos e discursos sustentando a moral sexual da mulher negra.

As organizações de mulheres brancas podiam restringir sua atenção a questões tais como educação, caridade ou formação de sociedades literárias, enquanto as mulheres negras estavam preocupadas com questões tais como pobreza, cuidado dos idosos e portadores de necessidades

específicas, ou prostituição. Os clubes e organizações de mulheres negras eram, por natureza, potencialmente mais feministas e radicais do que os clubes de mulheres brancas, devido à diferença das circunstâncias criadas pela opressão racista. As mulheres brancas como grupo não precisaram lançar um ataque contra a prostituição, como as mulheres negras precisaram fazer. Várias jovens negras que deixavam o Sul e migravam para o Norte eram forçadas a trabalhar como prostitutas. Em alguns casos, viajavam para o Norte por meio do que chamavam de "passagem de justiça", fornecida por agências de emprego ou agentes de trabalho. Em troca de transporte e da garantia de emprego imediato a sua chegada, as mulheres negras assinavam um contrato de trabalho que determinava que o agente as colocaria no mercado, e que ela concordava em pagar uma taxa equivalente a um ou dois meses de salário. Quando chegavam ao Norte, descobriam que o trabalho era, sobretudo, como empregada em casas de prostituição. Incapazes de sobreviver com o salário baixo que era pago, elas eram incentivadas pelos cafetões brancos a se tornarem prostitutas. A National League for the Protection of Colored Women [Liga Nacional de Proteção às Mulheres Negras] foi criada para informar e auxiliar as mulheres negras sulistas que migravam para o Norte. Em 1897, a ativista negra Victoria Earle Matthews formou a White Rose Working Girl's Home [Casa de Garotas Trabalhadoras White Rose] e a Black Protection and Women's Rights Society [Sociedade de Proteção a Mulheres Negras e aos Direitos das Mulheres] na Women's Loyal Union of New York and Brooklyn [União Leal das Mulheres de Nova York e Brooklyn]. Para aumentar o conhecimento do público com o apoio das mulheres brancas, Victoria Matthews fez uma

palestra sobre "O despertar da mulher afro-americana". O trabalho dela não foi concluído isoladamente. Várias organizações de mulheres negras foram formadas para ajudar as mulheres negras em sua luta por autodesenvolvimento.

Daquelas mulheres negras que defendiam a equidade social para as mulheres, Anna Julia Cooper era uma das que mais se destacavam. Ela foi uma das primeiras ativistas negras a incentivar as mulheres negras a falar da própria experiência para fazer o público tomar consciência da maneira com que o racismo e o sexismo juntos afetavam seu status social. Anna Cooper escreveu:

A mulher negra de hoje ocupa, pode-se dizer, uma posição peculiar neste país. Em um período instável, de transição, o status dela parece uma de todas as forças averiguáveis e definitivas que contribuem com nossa civilização. Ela é confrontada por uma questão da mulher e um problema de raça, e é um fator desconhecido ou não reconhecido em ambos.

Anna Cooper queria que o público estadunidense reconhecesse o papel que as mulheres negras tinham não apenas como porta-vozes para a raça delas, mas também como defensoras dos direitos das mulheres. Para disseminar suas percepções sobre os direitos das mulheres, ela publicou *A Voice from the South* [Uma voz do Sul], em 1892, um dos primeiros debates feministas sobre o status social das mulheres negras e uma longa discussão sobre direitos das mulheres à educação superior. Em *A Voice from the South*, Cooper reiterou seu ponto de vista de que as mulheres negras não deveriam assumir uma posição de subordinação passiva em relacionamentos

com homens negros. Ela também criticou os homens negros pela recusa deles em apoiar a luta da mulher para conquistar direitos iguais. Uma vez que era comum aos líderes negros questionar se o envolvimento das mulheres negras na luta pelos direitos das mulheres enfraquecia seu envolvimento na luta para eliminar o racismo, Cooper sustentou a ideia de que a igualdade social entre os sexos significaria que as mulheres negras seriam capazes de atuar como líderes na luta contra o racismo. Ela argumentou, ainda, que elas tinham mesmo demonstrado comprometimento com a luta pela libertação das pessoas negras tanto quanto os homens negros, se é que não mais.

Em *A Voice from the South*, estava incluído um artigo de Cooper sobre "The Higher Education of Women" [A educação superior de mulheres], no qual ela argumentou que as mulheres como grupo coletivo deveriam ter o direito de adquirir educação superior. Como várias feministas modernas, Cooper acreditava na existência de um "princípio feminino" distinto e argumentava que "um grande desejo do mundo no passado era por uma força feminina", uma força que pudesse ter "seu total efeito somente através do desenvolvimento livre das mulheres".

Tudo o que alego é que existe um lado feminino, assim como um masculino, para a verdade; que eles se relacionam não como inferior e superior, não como melhor e pior, não como mais fraco e mais forte, mas como complementos – complementos em um todo necessário e simétrico. Que, enquanto o homem é mais nobre na razão, a mulher é mais rápida na empatia. Que, enquanto ele é infatigável na busca da verdade abstrata, ela se importa com os interesses

incidentalmente – esforçando-se com ternura e amor para que nenhuma das menores entre essas "pequenas coisas" pereça. Que mesmo não sendo incomum vermos mulheres que usam a razão, como dizemos, com a frieza e a precisão de um homem, e homens tão atentos ao desamparo quanto uma mulher, ainda há um consenso geral de humanidade de que um traço é essencialmente masculino e o outro, peculiarmente feminino. Que ambos são necessários na educação de crianças, a fim de que os meninos possam suplementar a virilidade com ternura e sensibilidade e as meninas possam incrementar sua gentileza com força e autoconfiança. Que, uma vez que ambos são igualmente necessários para dar ao indivíduo simetria, uma nação ou uma raça degenerar-se-á em mero sentimentalismo, por um lado, ou assédio, por outro, se dominada exclusivamente por um ou outro; por fim, e mais enfaticamente, que o fator feminino pode ter seu próprio efeito somente através do desenvolvimento e na educação da mulher, de tal forma que ela pode apropriadamente e com inteligência estampar sua força nas forças de seu tempo e adicionar seu *modicum* às riquezas do pensamento mundial [...].

Apesar de Anna Cooper, assim como outras defensoras dos direitos das mulheres no século XIX, ter continuado a acreditar que a mulher poderia servir melhor ao país usando a educação para engrandecer o papel sexual atribuído a ela pelo patriarcado, ela estava ciente de que a educação superior também permitiria às mulheres explorar mundos fora do tradicional domínio do lar e da família. Para responder àqueles que argumentaram que a educação superior interferiu no casamento, Cooper replicou:

Garanto a você que o desenvolvimento intelectual, com as consequentes autoconfiança e capacidade de sustentar a própria vida tornam a mulher menos dependente da relação de casamento para obter apoio material (que, a propósito, nem sempre a acompanha). Ela também não se sente compelida a olhar para o amor sexual como a única sensação capaz de oferecer tônus e prazer, movimento e vigor para a vida que ela vive. Seu horizonte está estendido. Suas empatias estão aumentadas e aprofundadas, e multiplicadas. Ela está mais próxima da natureza [...].

As mulheres negras do século XIX acreditavam que, se recebessem o direito de votar, poderiam mudar o sistema educacional de maneira que as mulheres teriam o direito de buscar com totalidade seus objetivos educacionais. Para alcançar isso, elas se envolviam totalmente no apoio ao sufrágio das mulheres. A ativista negra Frances Ellen Watkins Harper era mais eloquente no tema sufrágio das mulheres do que qualquer outra mulher negra de sua época. Em 1888, ela palestrou no International Council of Women in Washington [Conselho Internacional de Mulheres em Washington] e falou sobre a importância do sufrágio para as mulheres negras e brancas. Durante a Columbian Exposition in Chicago [Feira Mundial de Chicago], em 1893, em seu discurso intitulado "Woman's Political Future" [O futuro político da mulher], ela expressou seu ponto de vista sobre o sufrágio:

Eu não acredito em sufrágio irrestrito e universal para homens ou mulheres. Acredito em testes de moral e de educação. Eu não acredito que o mais ignorante e brutal homem seja mais bem preparado para acrescentar valor à

força e durabilidade do governo do que a mais culta, correta e inteligente mulher [...]. A cédula nas mãos da mulher significa mais poder para influenciar. Não posso prever quão bem ela usará esse poder. Grandiosos males nos encaram e precisam ser estrangulados pela combinação do poder da virilidade justa com a mulheridade iluminada; e eu sei que nenhuma nação poderá obter total iluminação e felicidade se metade dela estiver livre e, a outra metade, agrilhoadada. A China comprimiu os pés das mulheres e assim retardou os passos dos homens.

Mary Church Terrell foi mais uma mulher negra ativista no *lobby* a favor do sufrágio da mulher. Em 1912, ela discursou na National American Woman's Suffrage Association [Associação Nacional para o Sufrágio das Mulheres], da qual foi membro em duas ocasiões, pronunciando-se em apoio ao sufrágio da mulher. Terrell também foi ativa no movimento pelo fim do linchamento das pessoas negras. Seu artigo "Lynching from a Negro's Point of View" [O linchamento a partir do ponto de vista de um negro] foi publicado na edição de 1904 da *North American Review*,* e foi nessa edição que

* A *North American Review*, primeira revista literária nos Estados Unidos, foi fundada em 1815, em Boston, com o intuito de disseminar a cultura estadunidense. Harriet Beecher Stowe (autora de *A cabana do Pai Tomás*), Edith Wharton (primeira mulher a vencer o prêmio Pulitzer de ficção, em 1921, com a obra *A época da inocência*) e Charlotte Perkins Gilman (autora de *Terra das mulheres*, publicado no Brasil pela Rosa dos Tempos) fizeram parte do grupo de importantes autores e pensadores que contribuíram com as publicações, que foram interrompidas na ocasião da Segunda Guerra Mundial e retomadas em 1964. Atualmente, a revista pertence à University of Northern Iowa. Fac-símiles de edições do século XIX (já em domínio público) podem ser acessados no site da biblioteca digital da Cornell University, disponível em <www.jstor.org/journal/nortamerrev>. [N. da T.]

ela recorreu, pela primeira vez, às mulheres brancas para que se envolvessem na cruzada contra linchamentos. Terrell acreditava que as mulheres brancas agiam como cúmplices dos homens brancos nos linchamentos e, em certa medida, colocou a responsabilidade do racismo e da opressão racial sobre elas:

O linchamento é o rescaldo da escravidão. Os homens brancos que atiram em negros para matar e os esfolam vivos, e as mulheres brancas que levam tochas acesas ao corpo deles, ensopados de óleo, são hoje os filhos e filhas das mulheres que não tiveram mais do que pouca compaixão, se é que alguma, pela raça quando esta era escravizada. Os homens que hoje lincham os negros são, por certo, os filhos das mulheres que se sentaram à lareira felizes e orgulhosas, tendo seus filhos e demonstrando afeto por eles, enquanto lançavam olhares impiedosos, com o coração adamantino, às mulheres escravizadas e mães cujos filhos foram vendidos, quando não atingidos por destino ainda mais cruel [...]. Talvez seja esperar demais que os filhos das mulheres que por gerações olharam para a dura condição e a degradação de suas irmãs com uma tonalidade de pele mais escura, com pouco, se é que algum, protesto, devessem agora ter piedade e compaixão pelos filhos dessa raça oprimida. Mas que tremenda influência para a lei e a ordem, e que poderoso adversário para a violência coletiva seriam as mulheres brancas do Sul, se elas se erguessem, na pureza e no poder de sua mulheridade, para implorar ao pai, ao marido e aos filhos que não mais manchassem as mãos com o sangue do homem negro! [...]

O apelo de Terrell às mulheres brancas para que se conectassem às mulheres negras com base em uma mulheridade compartilhada reiterou os sentimentos de várias mulheres negras do século XIX, que estavam convencidas de que as mulheres poderiam ser uma nova força política nos Estados Unidos.

Apesar da opressão racista e sexista, o final do século XIX foi uma época importante na história da mulher negra. Frances Ellen Watkins Harper estava gloriosamente certa quando exclamou que “se o século XV descobriu a América para o Velho Mundo, o século XIX está descobrindo a mulher para ela mesma”. O fervor sobre os direitos das mulheres que surgiu no século XIX continuou no século XX e culminou com a ratificação da Décima Nona Emenda, em agosto de 1920, que garantia a todas as mulheres o direito ao voto. Em sua luta para conquistar o voto, as mulheres negras aprenderam uma lição amarga. Descobriram, enquanto trabalhavam a favor do sufrágio, que muitos brancos viam a ação de garantir às mulheres o direito ao voto como mais uma maneira de manter o sistema opressor do imperialismo branco racial. As sufragistas brancas do Sul manifestaram-se em uma plataforma que argumentava que o sufrágio da mulher no Sul fortaleceria a supremacia branca. Ainda que o sufrágio da mulher fosse também garantir às mulheres negras o direito ao voto, no Sul, o número de mulheres brancas as ultrapassava em uma proporção de duas para uma. Em *The Emancipation of the American Woman* [A emancipação da mulher estadunidense], Andrew Sinclair debate a política racial das sufragistas brancas e conclui:

O racismo não disfarçado de sufragistas do Sul, tal como Kate Gordon e Laura Clay – duas das mais poderosas autoridades na National American Association [Associação Norte-Americana Nacional] depois de Anthony ter se aposentado –, preocupou as sufragistas do Norte e do Oeste. Apesar de Carrie Catt e Anna Shaw terem sido obrigadas a serem diplomáticas para receber o apoio do Sul ao sufrágio, perderam o espírito batalhador dos antigos abolicionistas [...]. O vocabulário do movimento mudou da linguagem dos direitos humanos para a de conveniência. As mulheres negras no Norte foram excluídas de algumas marchas sufragistas, por medo de ofenderem o Sul. Como um líder negro escreveu a outro sobre as sufragistas: “todas estão morrendo de medo do Sul e, se pudessem passar a Emenda do Sufrágio sem dar o direito ao voto para as mulheres negras, fariam isso imediatamente”.

A linguagem das líderes sufragistas do Norte, até mesmo a de Elizabeth Stanton, gradativamente se voltou para a questão da educação das mulheres para o sufrágio [...]. A promessa de uma Revolução Estadunidense em termos de igualdade e liberdade humana foi esquecida, em um esforço para conquistar o voto para um número limitado de mulheres brancas anglo-saxãs, da mesma maneira que os termos da Constituição certa vez negaram os princípios da Declaração da Independência.

Como na luta do século XIX pela questão do sufrágio da mulher, na luta do século XX, raça e sexo tornaram-se questões interligadas. Assim como suas predecessoras, as mulheres brancas consciente e deliberadamente apoiaram o imperialismo racial branco, rejeitando abertamente os sentimentos de empatia e solidariedade política com as

mulheres negras. Em seus esforços para garantir a cédula, as defensoras brancas dos direitos das mulheres voluntariamente traíram a crença de que votar era um direito natural de toda mulher. Sua disposição de comprometer os princípios feministas permitiu à estrutura do poder patriarcal cooptar a energia das mulheres sufragistas e usar os votos das mulheres para fortalecer a estrutura política antimulher existente. A grande maioria das mulheres brancas não usou os privilégios de voto para apoiar as questões das mulheres; elas votaram como o marido, o pai ou os irmãos votaram. As sufragistas brancas mais militantes tiveram esperança de que as mulheres usassem o voto para formar seu próprio partido, em vez de apoiar as majorias que negavam à mulher igualdade social com o homem. O privilégio de votar das mulheres não mudou fundamentalmente o destino das mulheres na sociedade, mas permitiu a elas ajudar a apoiar e a manter a ordem social imperialista patriarcal branca racista já existente. Até certo gravíssimo ponto, a conquista das mulheres do direito ao voto foi uma vitória mais para os princípios racistas do que um triunfo para os princípios feministas.

As sufragistas negras descobriram que o voto tinha um impacto pequeno em seu status social. A mais militante facção do movimento de mulheres na década de 1920, o National Woman's Party [Partido Nacional da Mulher], era tanto racista quanto classista. Ainda que o partido tivesse se comprometido a trabalhar para conquistar a total igualdade para as mulheres, ele trabalhou ativamente para promover somente os interesses das mulheres brancas das classes média e alta. Em *Herstory*, June Sochen fez este comentário sobre o comportamento das sufragistas brancas em relação às mulheres negras:

Depois que a emenda do sufrágio da mulher passou, em 1920, algumas reformistas se questionaram se isso beneficiaria as mulheres negras tanto quanto as mulheres brancas – sobretudo, no Sul, onde os homens negros tiveram o direito de voto retirado virtualmente pelas pessoas brancas detentoras de poder. Mais de dois milhões de mulheres negras que recentemente conquistaram o direito ao voto moravam no Sul. Quando as sufragistas sugeriram a Alice Paul que o direito das mulheres negras ao voto seria uma questão vital contínua, ela respondeu que o ano de 1920 não era o momento para debater essa questão. Em vez disso, ela disse, as sufragistas deveriam aproveitar seu novo poder político e fazer planos para outras batalhas no futuro. Ainda assim, como os reformistas haviam previsto, quando as mulheres negras foram votar no Alabama e na Geórgia, descobriram que as autoridades brancas das eleições tinham uma sacola de surpresas, prontas para impedi-las de votar. Se uma mulher negra conseguisse ler um texto complicado que lhe era apresentado, a autoridade branca encontraria outra razão incongruente para dizer que ela não era apta a votar. E qualquer mulher que insistisse era ameaçada com violência, se não se retirasse obedientemente.

Quando o sufrágio da mulher não teve sucesso na mudança de status social das mulheres negras, várias mulheres negras sufragistas ficaram desiludidas com os direitos das mulheres. Elas haviam apoiado o sufrágio da mulher apenas para descobrir que seus interesses foram traídos, para descobrir que o “sufrágio da mulher” seria uma arma para fortalecer a opressão branca sobre as pessoas negras. Descobriram que conquistar direitos para as mulheres teria um impacto

pequeno no status social delas, enquanto o imperialismo racial branco automaticamente negasse a elas total cidadania. Ao mesmo tempo que as mulheres brancas regozijavam-se com a conquista do direito ao voto, um sistema de *apartheid* racial que ameaçaria a liberdade das mulheres negras, com ainda mais força do que o imperialismo sexual, era institucionalizado nos Estados Unidos. Esse sistema de *apartheid* racial foi denominado Jim Crow. Em *The Strange Career of Jim Crow* [A estranha carreira de Jim Crow], C. Vann Woodward descreveu esse ressurgimento do racismo:

No pós-guerra houve novos indicadores de que o Estilo do Sul se espalhava assim como o Estilo Americano, em relação à raça. A grande migração do negro para as áreas residenciais de favelas e assentamentos industriais das grandes cidades do Norte aumentou a tensão entre as raças. O trabalhador do Norte tinha ciúme de seu status e ressentia a competição com os negros, que eram excluídos dos sindicatos. Os negros eram excluídos dos trabalhos mais desejados em indústrias, os quais conquistaram durante o tempo de escassez de mão de obra dos anos de guerra. Cada vez mais, eram retirados dos empregos federais. Os carteiros negros começaram a desaparecer das rotas, assim como das blitzes de policiais. Começaram a perder o controle que tinham sobre atividades tais como a de barbeiro, que já fora virtualmente um monopólio no Sul.

Nos anos 1920, o racismo regimentado se espalhou no país inteiro por meio da nova Ku Klux Klan [...].

Não havia qualquer tendência aparente voltada para a moderação ou o relaxamento das normas Jim Crow de discriminação e segregação, nos anos 1920, e nenhuma nos anos 1930, até os anos da Depressão. De fato, as leis

Jim Crow foram elaboradas e ampliadas naqueles anos. Muita história social e econômica está refletida nas novas leis. Quando as mulheres começaram a cachear os cabelos com bobes e se tornaram freguesas das barbearias, Atlanta passou um decreto proibindo que barbeiros negros servissem a mulheres ou crianças menores de 14 anos. Jim Crow caminhou junto com a marcha do progresso nos transportes e na indústria, assim como nas mudanças da moda.

Como o *apartheid*, Jim Crow ameaçava arrancar das pessoas negras os direitos e conquistas alcançados durante a Reconstrução, era natural que as mulheres negras ativistas parassem de lutar pelas questões de direitos da mulher e concentrassem sua energia na resistência contra o racismo.

As ativistas negras não foram o único grupo de mulheres a desviar a atenção das questões relacionadas aos direitos da mulher. Como muito da energia das ativistas mulheres foi concentrado no voto, uma vez que ele foi conquistado, várias mulheres deixaram de ver a necessidade de um movimento de mulheres. Apesar de as mulheres brancas no Partido da Mulher terem continuado a luta feminista, as mulheres negras raramente eram participantes. A energia delas estava focada na resistência contra a crescente opressão racial. Enquanto as defensoras brancas dos direitos das mulheres lutaram, em 1933, para conseguir que o Senado passasse a Emenda dos Direitos Iguais, as ativistas negras estavam lutando para evitar o linchamento das mulheres e homens negros por grupos de racistas brancos, para melhorar as condições de massas de pessoas negras atingidas pela pobreza e para proporcionar oportunidades de educação. Nos anos 1920 e 1930, as ativistas negras apelaram às massas de mulheres negras para que não

deixassem o sexismo impedir que elas se envolvessem tanto quanto os homens negros na luta para libertar as pessoas negras. Amy Jacques Garvey, ativa no movimento negro nacionalista liderado por seu colega de trabalho e marido, Marcus Garvey, editava a seção da mulher do *Negro World*, jornal publicado pela Universal Negro Improvement Association [Associação Universal para o Progresso Negro]. Em seus artigos, ela incentiva as mulheres negras a focar a atenção no nacionalismo negro e a também participar da luta pela libertação negra.

As exigências da atualidade requerem que as mulheres assumam o lugar ao lado de seus homens. As mulheres brancas estão mobilizando todas as forças e estão unidas, independentemente de fronteiras nacionais, para proteger sua raça da destruição e preservar seus ideais para a posteridade [...]. Os homens brancos começaram a se dar conta de que, como as mulheres são a espinha dorsal do lar, elas também podem, por sua experiência econômica e sua aptidão para detalhes, participar com sucesso na orientação do destino da nação e da raça.

Nenhuma linha de esforço permanece fechada por muito tempo para a mulher moderna. Ela protesta por oportunidades iguais e as conquista; ela se sai bem no trabalho e ganha o respeito de homens que até então se opuseram a ela. Ela prefere ser a chefe da família do que ser uma dona de casa quase morta de fome. Ela não tem medo de trabalho pesado e, por ser independente, consegue mais do marido de hoje em dia do que sua avó conseguia nos bons e velhos tempos.

A mulher do Oriente, tanto a amarela quanto a negra, está, aos poucos, mas certamente, imitando as mulheres do mundo ocidental, e enquanto as mulheres brancas

estão fortalecendo uma civilização branca decadente, ainda assim, as mulheres de raças mais escuras colocam-se à frente para ajudar seus homens a estabelecer uma civilização de acordo com seus próprios padrões, e para lutar por liderança mundial.

Ainda que as líderes negras tivessem incentivado as mulheres negras a assumir um papel tão ativo quanto os homens negros na luta pelo fim do racismo, subjacente a essa chamada para ação estava o pressuposto de que a igualdade social dos sexos era uma consideração secundária.

Desde o início do movimento pelos direitos das mulheres, suas fiéis apoiadoras argumentaram que a igualdade social para as mulheres era um passo necessário para uma construção nacional patriótica. Elas reforçavam o fato de que as mulheres não se opunham à ordem social ou política, mas simplesmente queriam apoiar ativamente o sistema de governo existente. Esse comportamento sempre ameaçou a ocasional solidariedade política que existia entre ativistas brancas e negras pelos direitos das mulheres. Para as mulheres brancas, a participação total no crescimento dos Estados Unidos como nação, com frequência, incluía a aceitação e o apoio do imperialismo racial branco, enquanto as mulheres negras, até aquelas mais politicamente conservadoras, com frequência eram obrigadas a denunciar a nação por suas políticas racistas. Ambos os grupos acabaram por permitir que alianças raciais suplantassem a luta feminista. A segregação racial permaneceu a norma na maioria das organizações de mulheres e clubes, nos anos 1930 e 1940. De 1940 a 1960, a maioria dos grupos de mulheres não enfatizou a libertação das mulheres; elas se uniram por motivos sociais ou profissionais. Barbara Deckard,

autora de *The Women's Movement*, argumenta que não houve movimento organizado de libertação das mulheres de 1940 a 1960, e como explicação apresentou estas razões:

Uma razão foi a ideologia limitada e a base elitizada das sufragistas. Elas enfatizaram tanto o voto, e somente o voto, que suas sucessoras – como a League of Women Voters [Liga das mulheres eleitoras] – poderiam declarar, nos anos 1920, que não havia mais discriminação contra as mulheres e que as mulheres liberais deveriam simplesmente lutar por reformas gerais para todas as pessoas. O único sucessor das maiores militantes sufragistas – o Women's Party – era estrito de outras formas. Continuava a lutar por direitos legais iguais, mas prestava pouca ou nenhuma atenção à posição inferior da mulher na família, à exploração das mulheres trabalhadoras ou aos problemas específicos das mulheres negras. Essa falta de interesse pelas principais questões sociais, econômicas e raciais alienava as mulheres radicais, enquanto a atmosfera social hostil as impedia de ganhar das mulheres moderadas.

Na metade da década de 1920, a relativa estabilidade do capitalismo, o desaparecimento do pequeno fazendeiro radical, a acusação por comunismo e as dissidências destruíram os partidos socialistas e progressistas e deu-se início a um período de conservadorismo hostil ao movimento das mulheres. O radicalismo dos anos 1930 concentrou-se no desemprego e, ao final dessa década, na ameaça de guerra contra o fascismo para a exclusão real de todas as outras questões. Novamente, durante a guerra, outras questões não puderam ser levantadas. O período de 1946 a 1960, pós-guerra, foi de expansão da economia estadunidense e domínio mundial, da guerra fria e do superpatriotismo garantido pela caça às bruxas do Macarthismo. Todos os

grupos radicais e liberais sofreram repressão, e as possíveis causas defendidas pelo movimento de libertação das mulheres – tais como creches – foram sufocadas com o restante.

Nos quarenta anos desde a metade da década de 1920 à metade da década de 1960, as líderes negras já não defendiam os direitos das mulheres. A luta pela libertação negra e a luta pela libertação das mulheres foram vistas como inimigas, sobretudo, porque as líderes civis negras não queriam que o público estadunidense branco enxergasse suas demandas por cidadania total como sinônimo de uma demanda radical por igualdade dos sexos. Tornaram a libertação negra sinônimo da conquista da participação total no existente Estado-Nação patriarcal, e suas demandas eram pela eliminação do racismo, não do capitalismo nem do patriarcado. Assim como as mulheres brancas haviam publicamente negado qualquer conexão política com as pessoas negras, quando acreditavam que tal aliança era prejudicial a seus interesses, as mulheres negras se desassociaram da luta feminista quando se convenceram de que parecer feminista, ou seja, radical, seria prejudicial à causa da libertação negra. Os homens e mulheres negros queriam entrar para a vida estadunidense convencional. Para conquistar essa inclusão, sentiram que era necessário ser conservador.

As organizações de mulheres negras, que ora se concentraram em serviços sociais como creches, lares para mulheres trabalhadoras e ajuda para prostitutas, tornaram-se despolitizadas e focaram mais em eventos sociais como baile de debutantes e festas beneficentes. As integrantes dos

clubes de mulheres negras imitavam o comportamento das mulheres brancas da classe média. Essas mulheres negras que acreditavam na igualdade social dos sexos aprenderam a suprimir sua opinião por medo de desviar a atenção que era dada às questões raciais. Acreditavam que primeiro deviam apoiar a liberdade das pessoas negras para depois, quando essa liberdade fosse alcançada, trabalhar pelos direitos das mulheres. Infelizmente, elas não previram a força da resistência do homem negro à ideia de que as mulheres deveriam ter um status igual ao dos homens.

Quando o movimento pelos direitos civis começou, as mulheres negras participaram, mas não se esforçaram para ofuscar os líderes negros. Quando o movimento terminou, o povo dos Estados Unidos se lembrava de nomes como o de Martin Luther King Jr., A. Phillip Randolph e Roy Wilkins, mas se esqueceu de nomes como o de Rosa Parks, Daisy Bates e Fannie Lou Hamer. Os líderes do movimento pelos direitos civis de pessoas negras na década de 1950, assim como os predecessores do século XIX, deixaram claro que ansiavam por estabelecer comunidades e famílias a partir dos mesmos padrões dos brancos. Seguindo o exemplo dos homens patriarcas brancos, os homens negros tinham obsessão por afirmar sua masculinidade, enquanto as mulheres negras imitavam o comportamento das mulheres brancas e eram obcecadas com a feminilidade. Uma mudança óbvia aconteceu com os padrões dos papéis sexuais das pessoas negras. Estas já não aceitavam passivamente a opressão racial que sempre forçou a mulher negra a ser independente e a trabalhar tanto quanto os homens negros; exigiam que ela fosse mais passiva, subordinada e, de preferência, desempregada.

Nos anos 1950, a socialização da mulher negra para que assumisse um papel subordinado aos homens negros ocorreu como parte de um esforço geral nos Estados Unidos de lavagem cerebral das mulheres, para reverter os efeitos da Segunda Guerra Mundial. Como resultado da guerra, tanto a mulher branca quanto a negra foram obrigadas a ser independentes, assertivas e a trabalhar duro. O homem branco, assim como o homem negro, queria ver todas as mulheres menos assertivas, dependentes e desempregadas. A mídia de massa foi a arma utilizada para destruir a recém-formada independência das mulheres. As mulheres brancas e as mulheres negras foram sujeitadas a infundáveis propagandas que as incentivavam a acreditar que o lugar de uma mulher era em casa – que sua satisfação com a vida dependeria de encontrar o homem certo para casar e construir uma família. Se, por circunstância, as mulheres fossem obrigadas a trabalhar, diziam a elas que era melhor que não competissem com os homens e se restringissem a empregos como professora e enfermeira.

A mulher trabalhadora, fosse ela negra ou branca, pensou ser necessário provar sua feminilidade. Com frequência desenvolvia duas condutas: apesar de ser assertiva e independente no emprego, em casa ela era passiva e gentil. Mais do que nunca na história dos Estados Unidos, as mulheres negras estavam obcecadas por encontrar o ideal de feminilidade descrito na televisão, em livros e em revistas. A existência de uma classe média negra emergente significava que grupos de mulheres negras tinham mais dinheiro do que jamais tiveram para gastar comprando roupas, cosméticos ou lendo revistas como *McCall's* e *Ladies Home Journal*. Várias mulheres negras que em certo momento se sentiram orgulhosas da habilidade de trabalhar fora de casa

e, ainda assim, serem boas donas de casa e mães, ficaram descontentes com seu destino. Queriam apenas ser donas de casa e expressaram abertamente a raiva que sentiam dos homens negros e a hostilidade contra eles – uma hostilidade que emergia porque elas estavam convencidas de que os homens negros não se esforçavam o suficiente para assumir o papel de único provedor econômico no lar, para que elas pudessem ser donas de casa. Ditados populares da época, como “um homem negro não vale merda”, “o negro é nada bom”, eram expressões de desprezo das mulheres negras pelos homens negros.

Claramente, as mulheres negras queriam estar na posição de quem participava totalmente da busca dos anos 1950 pela “feminilidade idealizada” e ressentiam-se dos homens negros, porque eles não as ajudavam nessa busca. Elas os avaliavam a partir de padrões estabelecidos pelos homens brancos. Uma vez que os brancos definiram “alcançar a virilidade” como habilidade necessária ao homem para ser o único provedor econômico da família, várias mulheres negras passaram a considerar o homem negro fracassado. Em retaliação, os homens negros afirmavam abertamente que enxergavam as mulheres brancas como mais femininas do que as mulheres negras. Tanto as mulheres quanto os homens negros estavam inseguros quanto a mulheridade e a virilidade. Ambos se esforçavam na adaptação aos padrões determinados pela sociedade branca dominante. Quando, por qualquer motivo, as mulheres negras não assumiam o papel passivo e subordinado no relacionamento com homens negros, os homens ficavam bravos. Quando os homens negros não conseguiam assumir o papel de único provedor econômico do lar, as mulheres negras ficavam bravas.

As tensões e os conflitos que surgiram nos relacionamentos homem/mulher negros foram retratados na produção de 1959 da premiada peça de Lorraine Hansberry *A Raisin in the Sun* [Uma uva-passa ao sol]. O conflito predomina no relacionamento do homem negro Walter Lee com sua mãe e sua esposa. Em uma cena, quando Walter conta para a esposa, Ruth, como pretende gastar o dinheiro do seguro de sua mãe, ela se recusa a escutá-lo. Ele fica irritado e grita:

WALTER: Isso é exatamente o que está errado com a mulher negra neste mundo [...]. Não entendem nada sobre como ajudar o homem a crescer e como fazer com que ele sinta que é alguém. Como se pudessem fazer alguma coisa.

RUTH: Existem homens negros que fazem coisas.

WALTER: Não graças à mulher negra.

RUTH: Bem, sendo uma mulher negra, acho que não posso fazer nada.

WALTER: Nós, um grupo de homens amarrados a uma raça de mulheres com a mente pequena.

A mãe, em *Raisin in the Sun*, é a figura dominante no lar, e Walter Lee reclama sem parar que ela impede a afirmação da virilidade dele, que ela é uma tirana que o força a fazer tudo conforme o desejo dela. Ao longo da peça, Walter Lee é retratado como irresponsável e não merecedor da confiança e do respeito de sua mãe. Ela não respeita a afirmação da virilidade dele, porque ele age de forma imatura. No entanto, no final da peça, quando ele age de forma responsável, a mãe automaticamente assume uma postura subordinada. A mensagem da peça foi dupla. Por um lado, ela retratou a força e a natureza abnegada da mãe solteira negra, trabalhando

para garantir a sobrevivência de sua família; por outro lado, reforçou a importância de o homem negro assumir o papel que lhe é próprio, de patriarca no lar. O estilo de vida da mãe é coisa do passado. Walter Lee e Ruth são o prenúncio do futuro. A futura família de pessoas negras que eles retratam é aquela com pai e mãe, em que o homem assume um papel patriarcal, papel de quem toma as decisões, protege e mantém a tradição de orgulho e honra da família.

A peça de Lorraine Hansberry previu os conflitos futuros entre as mulheres e os homens negros em relação à questão dos padrões dos papéis sexuais. O conflito foi exagerado e levado ao público através da publicação de 1965 do relatório de Daniel Moynihan "The Negro Family: The Case for National Action" [A família negra: O caso para ação nacional]. Em seu relatório, Moynihan argumentou que o domínio da mulher enfraquecia a família negra estadunidense. Ele afirmava que a discriminação racista contra os homens negros na força de trabalho levou as famílias negras a terem uma estrutura matriarcal que ele assegurava estar em discordância com o padrão branco estadunidense, a estrutura patriarcal de família, e que isso impedia a raça negra de ser aceita na vida estadunidense convencional. A mensagem de Moynihan era semelhante à das mulheres negras que reprovavam os homens negros por não assumirem seu papel patriarcal. A diferença das duas perspectivas era que Moynihan colocava na mulher negra um tanto da responsabilidade pela inabilidade do homem negro de assumir um papel patriarcal, enquanto as mulheres negras sentiam que o racismo e a indiferença do homem negro eram as forças que levavam os homens negros a rejeitar o papel de único provedor econômico.

Ao rotular como matriarcas as mulheres negras, Moynihan deixava implícito que aquelas mulheres negras que trabalhavam e estavam no comando do lar eram as inimigas da virilidade negra. Ainda que o pressuposto de Moynihan de que a família negra era matriarcal fosse baseado em dados que demonstravam que apenas um quarto de todas as famílias negras nos Estados Unidos era comandado pela mulher, ele usou esses dados para generalizar a situação das famílias negras como um todo. As generalizações dele sobre a estrutura da família negra, apesar de errôneas, causaram um tremendo impacto na psique do homem negro. Assim como o homem branco estadunidense nos anos 1950 e 1960, os homens negros estavam preocupados com todas as mulheres tornando-se assertivas e dominadoras demais.

A noção de que as mulheres modernas estavam emasculando os homens teve origem não no conflito entre as mulheres negras e os homens negros sobre padrões de papéis sexuais, mas no conflito geral da sociedade estadunidense sobre a questão desses papéis. As mulheres como castradoras foi uma imagem evocada pela primeira vez não em referência às mulheres negras e certamente não por Daniel Moynihan; tornou-se popular por certos psicanalistas que estavam no auge, nos anos 1950. Impuseram na consciência do público estadunidense a noção de que qualquer mulher com carreira, qualquer mulher que competisse com homens tinha inveja do poder do homem e era, possivelmente, uma vaca castradora.

As mulheres negras passaram a ser retratadas como fêmeas castradoras por excelência, mas não porque eram, por natureza, mais assertivas e independentes do que as mulheres brancas. A história mostra que as mulheres brancas estavam

competindo ativamente na estrutura de poder dominada pelo homem muito antes das mulheres negras, porque não havia barreira racial que tornasse completamente impossível a entrada para essa esfera. As mulheres negras se tornaram alvo para vários ataques misóginos à independência da mulher, sobretudo, por ser um bode expiatório racista. Assim como o público branco do século XIX retratou as mulheres negras como a personificação de todos os traços negativos que normalmente eram atribuídos ao sexo feminino, em geral, enquanto retratava as mulheres brancas como personificação de todos os traços positivos, o público branco do século XX continuou essa prática. Idealizavam e elevavam o status do grupo de mulheres brancas ao depreciar e degradar o grupo de mulheres negras. Daniel Moynihan não tentou registrar o fato de que o papel dito "matriarcal" assumido pelas mulheres negras nos lares comandados por mulheres era o mesmo que as mulheres brancas assumiram nos lares comandados por mulheres. Em vez disso, ele continuou a disseminar um dos mais populares mitos sexistas e racistas dos Estados Unidos sobre a mulheridade negra: o mito de que as mulheres negras são, por natureza, mais assertivas, independentes e dominadoras do que as mulheres brancas.

A ideologia sexista estava no centro do mito do matriarcado. Implícito na afirmação de que as mulheres negras eram matriarcas estava o pressuposto de que o patriarcado deveria ser mantido a todo custo e que a subordinação da mulher era necessária para a conquista saudável da virilidade. Com efeito, Moynihan sugeriu que os efeitos negativos da opressão racista sobre as pessoas negras poderiam ser eliminados se as mulheres negras fossem mais passivas e subservientes e apoiassem o patriarcado. Mais uma vez, a libertação da

mulher foi apresentada como inimiga da libertação das pessoas negras.

Ficou claro até que ponto o homem negro absorveu essa ideologia, no movimento pela libertação negra dos anos 1960. Os líderes negros do movimento tornaram a libertação das pessoas negras da opressão racista sinônimo da conquista do direito de assumir o papel de patriarca, de opressor sexista. Ao permitir que os homens brancos ditassem os termos pelos quais definiriam a libertação negra, os homens negros escolheram endossar a exploração sexista e a opressão das mulheres negras. Ao fazerem isso, comprometeram-se. Não foram libertados do sistema, mas libertados para servir ao sistema. O movimento acabou e o sistema não mudou; não era menos racista nem menos sexista.

Assim como os homens negros, várias mulheres negras acreditaram que a libertação negra somente poderia ser alcançada a partir da formação de um patriarcado negro forte. Várias das mulheres negras entrevistadas para o livro de Inez Smith Reid, *"Together" Black Women* [Mulheres negras "juntas"], publicado em 1972, afirmaram abertamente que elas sentiam que o papel da mulher deveria ser de solidariedade, e que o homem deveria ser a figura dominante em todas as lutas pela libertação negra. Respostas comuns de mulheres negras foram:

Penso que a mulher deveria estar por trás do homem. O homem deveria vir antes da mulher, porque, ao longo do tempo, a mulher negra tem estado acima do homem negro neste país. Não por culpa delas, conquistaram trabalhos melhores e status melhores. Elas não eram iguais aos homens e mulheres brancos, mas estavam acima dos

homens negros. E agora que a revolução está acontecendo socialmente, penso que as mulheres negras não deveriam estar acima de tudo na vida. Penso que deveriam ser os homens negros, porque os homens são o símbolo das raças.

Ou:

Penso que uma mulher negra pode ser um dos maiores bens em uma revolução ou em uma luta. Penso que as mulheres negras têm uma história de perseverança e força. Eu não gostaria de ver essa força se transformar em tendências dominadoras ou bossismo,* mas penso, sim, que poderíamos ser aquela força silenciosa de que o homem negro precisa para lutar a batalha por sua esposa ou sua mulher e sua família.

Um grande número de mulheres negras, muitas das quais eram jovens, tinham educação superior e eram de classe média, foi seduzido, nas décadas de 1960 e 1970, pelo conceito romantizado da mulheridade idealizada, popularizada pela primeira vez durante a era vitoriana. Ressaltavam que o papel da mulher era o de ajudante do homem. E pela primeira vez na história dos movimentos pelos direitos civis, as mulheres negras não lutaram igualmente com os homens negros. Ao escrever sobre o movimento negro da década de 1960 em *Black Macho and the Myth of the Superwoman*, Michelle Wallace comentou:

* A palavra "bossismo" vem de "boss", em português, "chefe". É usada para descrever sistemas de dominação, principalmente políticos, quando uma única pessoa é detentora de poder. [N. da T.]

A misoginia era parte integrante do Macho Negro. Sua filosofia, em defesa de que os homens negros foram mais oprimidos do que as mulheres negras, que as mulheres negras tinham, de fato, contribuído com essa opressão, que os homens negros eram sexual e moralmente superiores e também isentos da maior parte da responsabilidade dos seres humanos com outros seres humanos, somente poderia ser prejudicial às mulheres negras. Mas as mulheres negras estavam determinadas a acreditar – ainda que seu instinto estivesse dizendo que não era assim – que elas estavam finalmente prestes a se libertar do fantasma da loura onipotente com lábios cor-de-rosa e pernas gostosas. Elas não precisariam mais admirar outra mulher no pedestal. O pedestal seria delas. Elas não precisariam mais travar sua própria batalha. Alguém lutaria por elas. O príncipe chegaria até elas em seu cavalo branco. A linda princesa dos contos de fadas seria negra.

As mulheres do movimento negro tinham pouca percepção das contradições em seu desejo de ser modelo da frágil mulheridade vitoriana em meio à revolução. Queriam uma casa com uma cerca de piquete, um frango assado no forno e um homem. Da maneira como enxergavam isso, a única responsabilidade revolucionária designada a elas era ter bebês.

Nem todas as mulheres sucumbiram à lavagem cerebral sexista muito presente na retórica da libertação negra, mas essas que não se rendiam não recebiam atenção. As pessoas nos Estados Unidos estavam fascinadas pela imagem da mulher negra – forte, feroz e independente – humildemente sucumbindo ao papel passivo, aliás, desejando estar nesse papel passivo.

Apesar de Angela Davis ter se tornado uma heroína do movimento da década de 1960, ela era admirada não por seu comprometimento político com o partido comunista, não por nenhuma de suas brilhantes análises sobre o capitalismo e o imperialismo racial, mas por sua beleza, por sua devoção aos homens negros. O público estadunidense não queria ver a Angela Davis “política”; em vez disso, fizeram dela uma pinup. Em geral, as pessoas negras não aprovavam o comunismo dela e se recusavam a levá-lo a sério. Wallace escreveu sobre Angela Davis:

Por todas suas conquistas, ela era vista como o epítome da “boa mulher”, altruísta e disposta a se sacrificar – o único tipo de mulher negra que o movimento aceitaria. Ela fazia isso por seu homem, diziam. Uma mulher no lugar de mulher. As chamadas questões políticas eram irrelevantes.

As mulheres negras contemporâneas que apoiavam o domínio patriarcal colocavam sua submissão ao *status quo* no contexto de políticas raciais e argumentavam que estavam dispostas a aceitar um papel de subordinação em relação aos homens negros pelo bem da raça. Eram, de fato, uma geração nova de mulheres negras – uma geração que havia sofrido lavagem cerebral não por revolucionários negros, mas pela sociedade branca, pela mídia, para acreditar que o lugar da mulher era em casa. Eram a primeira geração de mulheres negras que competiam com as mulheres brancas pela atenção dos homens negros. Muitas aceitavam o sexismo do homem negro somente porque temiam ficar sozinhas, sem companhia masculina. O medo de ficar sozinha, ou de não ser amada, já levou mulheres de todas as raças a

aceitar passivamente o sexismo e a opressão sexista. Não havia nada de peculiar ou novo no desejo da mulher negra de aceitar o papel feminino definido a partir do sexismo. O movimento negro dos anos 1960 simplesmente se tornou o cenário no qual a aceitação do sexismo ou do patriarcado por elas poderia ser anunciado para o público branco, que estava muito convencido de que as mulheres negras eram mais propensas a serem assertivas e dominadoras do que as mulheres brancas.

Ao contrário da opinião popular, a política sexual da década de 1950 socializou as mulheres negras para que estivessem em conformidade com os padrões sexistas de papel - não o macho negro dos anos 1970. As mulheres negras da década de 1950 haviam ensinado suas filhas que não deveriam ter orgulho de trabalhar, que elas deveriam se educar, para o caso de não encontrarem aquele homem que seria a mais importante força na vida delas, que as proveria e as protegeria. Com tal legado, não era de surpreender que as mulheres negras com educação superior acolhessem o patriarcado. O movimento dos anos 1960 simplesmente expôs o apoio ao sexismo e ao patriarcado que já existia na comunidade negra e não foi criado pelo movimento. Ao escrever sobre a resposta da mulher negra à luta por direitos civis na década de 1960, Michelle Wallace comentou:

A mulher negra jamais realmente lidou com a principal questão do movimento negro. Ela parou de alisar os cabelos. Ela parou de usar iluminadores e clareadores. Ela se forçou a ser submissa e passiva. Ela ensinava a suas crianças as glórias do homem negro. Mas então, de repente, o movimento negro acabou. Então, ela começou a alisar os cabelos

novamente, a seguir as mais recentes modas da *Vogue* e da *Mademoiselle*, a corar suas bochechas desesperadamente e a falar, com frequência, do quanto o homem negro tem sido uma decepção. Ela tem pouco contato com outras mulheres negras, e se tiver, não é profundo. O debate é, geralmente, sobre roupas, maquiagem, móveis e homens. Em particular, ela faz o que puder para permanecer por fora daquele excedente de mulheres negras (um milhão) que jamais encontrarão parceiros. E se não encontrar um homem, ela pode, de qualquer forma, simplesmente decidir ter um bebê.

Agora que não existe mais um movimento organizado pelos direitos civis de pessoas negras, as mulheres negras não pensam ser necessário usar a disposição que elas têm para assumir um papel sexista no contexto de libertação das pessoas negras; portanto, é muito mais óbvio que o apoio delas ao patriarcado não tenha sido gerado somente por sua preocupação com a raça negra, mas pelo fato de que vivem em uma cultura na qual a maioria das mulheres apoia e aceita o patriarcado.

Quando o movimento direcionado ao feminismo começou no final dos anos 1960, as mulheres negras raramente participavam como um grupo. Uma vez que o patriarcado branco dominante e o patriarcado masculino negro transmitiu às mulheres negras a mensagem de que votar a favor da igualdade social entre os sexos, ou seja, pela libertação das mulheres, era votar contra a libertação negra, inicialmente suspeitaram do chamado da mulher branca para um movimento feminista. Várias mulheres negras se recusaram a participar do movimento, porque elas não tinham qual-

quer desejo de lutar contra o sexismo. A posição delas não era incomum. A grande maioria das mulheres nos Estados Unidos não participava do movimento das mulheres pelo mesmo motivo. Os homens brancos estavam entre os primeiros observadores do movimento das mulheres para chamar atenção para a ausência de participantes negras, mas fizeram isso apenas para zombar dos esforços das feministas brancas e ridicularizá-las. Presunçosamente, eles questionaram a credibilidade de um movimento por libertação das mulheres que não conseguia atrair as mulheres dos grupos femininos mais oprimidos da sociedade estadunidense. Estavam entre os primeiros críticos do feminismo a levantar a questão do racismo das mulheres brancas. Em resposta, as liberacionistas brancas incentivaram as mulheres negras e outras não brancas a se juntarem a elas. Aquelas mulheres negras mais veementes em seu antifeminismo foram as mais ferozes na resposta. Sua posição veio a ser descrita como a posição de mulher negra no movimento pela libertação das mulheres. Expressaram pontos de vista em artigos como o de Ida Lewis, *Women's Rights, Why the Struggle Still Goes On* [Direitos das mulheres: o porquê de a luta ainda continuar]; os de Linda LaRue, *Black Liberation and Women's Lib* [Libertação de pessoas negras e libertação das mulheres] e *Women's Liberation Has no Soul* [A libertação da mulher não tem alma], publicado pela primeira vez na revista *Encore*; e o artigo de Renee Ferguson, *Women's Liberation Has a Different Meaning for Blacks* [A libertação das mulheres tem um significado diferente para as pessoas negras]. Os comentários de Linda LaRue sobre a libertação das mulheres foram frequentemente citados como se fossem a resposta definitiva das mulheres negras para a libertação das mulheres:

Que fique inequivocamente determinado que a mulher estadunidense branca teve uma oportunidade melhor do que qualquer outro grupo nos Estados Unidos, com exceção de seu marido branco, de viver uma vida livre e satisfatória, tanto mental quanto fisicamente. Sendo assim, qualquer tentativa de fazer analogia entre a opressão sobre as pessoas negras e a situação difícil das mulheres brancas estadunidenses tem valor igual à comparação entre o pesoço de um homem pendurado por uma corda e as mãos ardentes de um alpinista amador.

Em seus artigos, as mulheres negras antifeministas revelaram ódio e inveja das mulheres brancas. Gastavam energia atacando as liberacionistas brancas, não oferecendo qualquer evidência convincente que apoiasse a afirmação delas de que as mulheres negras não precisavam do movimento de libertação das mulheres. A socióloga negra Joyce Ladner expressou seu ponto de vista sobre a libertação das mulheres em seu estudo sobre mulheres negras, *Tomorrow's Tomorrow* [O amanhã do amanhã]:

Várias mulheres negras que tradicionalmente aceitaram os modelos brancos de feminilidade agora os rejeitam pela mesma razão geral que deveríamos rejeitar o estilo de vida branco de classe média. As mulheres negras nesta sociedade são o único grupo étnico ou radical que teve a oportunidade de ser mulher. Com isso, simplesmente quero dizer que muito do foco atual em ser libertada das amarras e do protecionismo da sociedade, como proposto pelos grupos pela libertação das mulheres, jamais se aplicou às mulheres negras, e nesse sentido, sempre fomos "livres", e capazes de nos desenvolvermos como indivíduos até

mesmo sob as mais duras circunstâncias. Essa liberdade, assim como as grandes dificuldades que as mulheres negras sofreram, permitiu o desenvolvimento de uma personalidade que é raramente descrita nos periódicos acadêmicos por sua força obstinada e habilidade de sobreviver. Nem seu caráter humanístico peculiar e sua coragem silenciosa são percebidos como epítome de o que o modelo de feminilidade estadunidense deveria ser.

A afirmação de Ladner sobre as mulheres negras serem "livres" tornou-se uma das explicações aceitas para a recusa das mulheres negras em participar do movimento pela libertação das mulheres. Mas tal afirmação meramente revela que as primeiras mulheres negras ao rejeitarem a libertação das mulheres não pensaram com seriedade sobre a luta feminista. Por um tempo, as mulheres brancas puderam ver o feminismo como uma maneira de se libertarem das restrições impostas a elas por conceitos idealizados de feminilidade e as mulheres negras poderiam ter visto o feminismo como uma forma de se libertarem das restrições que o sexismo claramente impôs em seu comportamento. Somente uma pessoa muito ingênua e não informada poderia ter confiança em afirmar que as mulheres negras nos Estados Unidos formam um grupo feminino libertado. As mulheres negras que se cumprimentaram por "já serem libertadas" estavam na verdade reconhecendo sua aceitação do sexismo e seu contentamento com o patriarcado.

O foco concentrado no pensamento antifeminista das pessoas negras era tão difuso que as mulheres negras defensoras do feminismo e ativas nos esforços para estabelecer um movimento feminista recebiam pouca atenção, se é que

alguma. Para cada artigo antifeminista negro escrito e publicado, existia o posicionamento pró-feminista de uma mulher negra. Artigos como "Black Feminism" [Feminismo negro], de Cellestine Ware; "Women Must Rebel" [As mulheres devem se rebelar], de Shirley Chisholm, "An Argument for Black Women's Liberation as a Revolutionary Force" [Um argumento para a libertação das mulheres negras como uma força revolucionária], de Mary Ann Weather; e "The Liberation of Black Women" [A libertação das mulheres negras], de Pauli Murray, expressaram o apoio de mulheres negras ao feminismo.

Como grupo, as mulheres negras não eram contra a igualdade social entre os sexos, mas não desejavam se juntar às mulheres brancas para organizar um movimento feminista. A pesquisa de opinião entre mulheres estadunidenses, "Virginia Slims American Women's Opinion Poll", de 1972, mostrou que mais mulheres negras apoiavam mudanças no status das mulheres na sociedade do que mulheres brancas. Ainda assim, o apoio delas às questões feministas não as guiou como grupo coletivo para participar ativamente no movimento de libertação das mulheres. Em geral, são dadas duas explicações para a falta de participação delas. A primeira é que o movimento negro da década de 1960 incentivou as mulheres negras a assumir um papel subserviente e fez com que elas rejeitassem o feminismo. A segunda é que as mulheres negras eram, como uma liberacionista disse, "repelidas pela composição racial e de classe do movimento das mulheres". *A priori*, essas razões parecem corretas. Examinadas em um contexto histórico no qual as mulheres negras se juntaram em defesa dos direitos das mulheres, a despeito da pressão exercida pelos

homens negros para que assumissem um posicionamento subordinado e apesar do fato de que as mulheres brancas de classe média e alta dominaram todos os movimentos de mulheres nos Estados Unidos, parecem incorretas. Ainda que ofereçam justificativas para o posicionamento antifeminista das mulheres negras, elas não explicam o porquê de as mulheres negras que apoiam a ideologia feminista se recusarem a participar integralmente do movimento contemporâneo de mulheres.

Inicialmente, as feministas negras abordaram o movimento de mulheres organizado pelas mulheres brancas com desejo de se juntar à luta para acabar com a opressão sexista. Ficamos desapontadas e desiludidas quando descobrimos que as mulheres brancas no movimento tinham pouco conhecimento ou se preocupavam pouco com os problemas das mulheres de classe baixa ou pobres, ou ainda, os problemas específicos das mulheres não brancas de todas as classes. Aquelas entre nós que eram ativas em grupos de mulheres descobriram que as feministas brancas lamentavam a ausência de um número grande de participantes não brancas, mas não estavam dispostas a mudar o foco do movimento para abordar melhor as necessidades das mulheres de todas as classes e raças. Algumas mulheres brancas até mesmo argumentavam que os grupos não representados por uma maioria não poderiam esperar que suas preocupações fossem levadas em consideração. Esse posicionamento reforçou a suspeita das participantes negras de que as participantes brancas queriam que o movimento se concentrasse nas questões não das mulheres como grupo coletivo, mas sim de preocupações individuais da pequena minoria que havia organizado o movimento.

As feministas negras descobriram que a sororidade, para a maioria das mulheres brancas, não significava renunciar à fidelidade a sua raça, classe e preferência sexual, para construir uma conexão fundamentada em uma crença política compartilhada de que uma revolução feminista era necessária para que todas as pessoas, sobretudo as mulheres, pudessem reivindicar sua cidadania de direito no mundo. De nossa posição periférica no movimento, vimos que o potencial radicalismo da ideologia feminista estava sendo enfraquecido por mulheres que, enquanto fingiam lealdade a objetivos revolucionários, estavam preocupadas principalmente em entrar para a estrutura de poder patriarcal capitalista. Apesar de as feministas brancas condenarem os homens brancos, chamando-os de imperialistas, capitalistas, sexistas, porcos racistas, fizeram a libertação das mulheres sinônimo de mulheres buscando obter o direito de participar totalmente no próprio sistema que elas identificavam como opressivo. A raiva delas não era meramente uma resposta à opressão sexista. Era uma expressão de ciúme e inveja dos homens brancos que tinham posições de poder no sistema, enquanto a elas era negado o acesso a essas posições.

Feministas negras individualmente se desesperaram quando testemunhamos a apropriação da ideologia feminista pelas mulheres elitistas e racistas. Fomos incapazes de usurpar posições dentro do movimento para que pudessemos disseminar uma mensagem autêntica de revolução feminista. Nem mesmo conseguimos ser ouvidas em grupos de mulheres, porque eles eram organizados e controlados por mulheres brancas. Junto com as mulheres brancas politicamente conscientes, nós, feministas negras, começamos a sentir que na realidade jamais existiu uma luta feminista

organizada. Saímos de grupos, cansadas de ouvir falar sobre as mulheres como uma força que poderia mudar o mundo quando nós não havíamos mudado a nós mesmas. Algumas mulheres negras formaram “grupos feministas negros” que se pareciam em tudo com os grupos que elas haviam deixado. Outras lutaram sozinhas. Algumas de nós continuamos a ir a organizações, aulas de Estudos de Mulheres ou conferências, mas não participávamos totalmente.

Há dez anos sou uma feminista ativa. Tenho trabalhado para destruir a psicologia do domínio que permeia a cultura ocidental e molda os papéis sexuais femininos/masculinos e tenho defendido a reconstrução da sociedade dos Estados Unidos com base em valores humanos, em vez de materiais. Tenho sido aluna em turmas de Estudos de Mulheres, participante em seminários, organizações e vários grupos de mulheres feministas. No início, eu acreditava que as mulheres que eram ativas em eventos feministas estavam preocupadas com a opressão sexista e seu impacto nas mulheres como grupo coletivo. Mas fiquei desiludida quando vi vários grupos de mulheres se apropriando do feminismo para servir a seus próprios fins oportunistas. Com professoras universitárias acusando a opressão sexista (em vez de a discriminação sexista) a fim de atrair atenção a seus esforços para serem promovidas; ou mulheres usando o feminismo para mascarar seu comportamento sexista; ou escritoras explorando superficialmente temas feministas para impulsionar sua própria carreira, ficou evidente que eliminar a opressão sexista não era a principal preocupação. Enquanto a palavra de ordem delas era contra a opressão sexista, elas demonstravam pouco interesse pelo status das mulheres como um grupo coletivo em nossa sociedade. Estavam prin-

cipalmente interessadas em tornar o feminismo um fórum para a expressão de suas necessidades autocentradas e seus desejos. Nem mesmo uma vez acolheram a possibilidade de que suas preocupações pudessem não representar as das mulheres oprimidas.

Ainda que eu tivesse testemunhado a hipocrisia de feministas, apeguei-me à esperança de que o aumento da participação de mulheres de diferentes raças e classes nas atividades feministas levaria a uma reavaliação do feminismo, a uma reconstrução radical da ideologia feminista e ao lançamento de um novo movimento que abordaria mais adequadamente os interesses de mulheres e homens. Eu não estava disposta a enxergar as feministas brancas como “inimigas”. Ainda assim, enquanto eu ia de um grupo de mulheres para outro, tentando oferecer uma perspectiva diferente, encontrei hostilidade e ressentimento. As liberacionistas brancas viam feminismo como o movimento “delas” e resistiam a quaisquer esforços das mulheres não brancas em criticar, desafiar ou mudar o direcionamento dele.

Durante esse tempo, me afetou o fato de que a ideologia do feminismo, com sua ênfase em transformar e mudar a estrutura social dos Estados Unidos, de maneira alguma parecia a realidade do feminismo estadunidense do momento. Sobretudo, porque as próprias feministas, enquanto tentavam levar o feminismo para além do âmbito da retórica radical e para a esfera da vida nos Estados Unidos, revelaram que elas permaneciam aprisionadas na própria estrutura que esperavam mudar. Como consequência, a sororidade da qual falamos não se tornou realidade. E o movimento de mulheres que imaginamos que teria efeito transformador na cultura dos EUA não emergiu. Em vez disso, o padrão hierárquico

já estabelecido pelo patriarcado capitalista branco para os relacionamentos entre sexo e raça simplesmente tomou um novo formato sob o feminismo. As mulheres liberacionistas não trouxeram uma análise holística sobre o status da mulher na sociedade que levasse em consideração os variados aspectos de nossa experiência. Em seu anseio por promover a ideia de sororidade, ignoraram a complexidade da experiência da mulher. Enquanto alegavam libertar as mulheres do determinismo biológico, negavam a elas uma existência fora daquela determinada por nossa sexualidade. Não era do interesse das feministas brancas de classe alta e média discutir raça e classe. Consequentemente, grande parte das publicações feministas, ainda que proporcionando informação significativa sobre as experiências das mulheres, é tanto racista quanto sexista em seu conteúdo. Digo isso não para condenar ou repudiar. Cada vez que leio um livro feminista que é racista e sexista, meu espírito fica triste e angustiado. Porque saber que ali floresce, no próprio movimento que alegou libertar as mulheres das infundáveis armadilhas que nos amarram cada vez mais, apertado a modos opressivos antigos, é testemunhar o fracasso de mais um movimento potencialmente radical e transformador em nossa sociedade.

Apesar de o movimento feminista contemporâneo ter sido inicialmente motivado pelo desejo sincero das mulheres por eliminar a opressão sexista, ele acontece dentro dos moldes de um sistema maior e mais poderoso que incentiva as mulheres e os homens a colocarem a satisfação de aspirações pessoais acima do desejo de uma mudança coletiva. Dado esse modelo, não é surpreendente que o feminismo tenha enfraquecido devido ao narcisismo, à ganância e ao oportunismo individualista de suas líderes expoentes. Uma ideologia feminista

que pronuncia uma retórica radical sobre resistência e revolução enquanto está ativa na busca por estabelecer-se dentro do sistema patriarcal capitalista é essencialmente corrupta. Ainda que o movimento feminista contemporâneo tenha sido bem-sucedido em estimular a consciência do impacto da discriminação sexista no status social das mulheres nos Estados Unidos, fez pouco para eliminar a opressão sexista. Ensinar as mulheres a se defender contra estupradores não é o mesmo que trabalhar para mudar a sociedade de forma que os homens não estuprem. Criar lares para mulheres que sofreram violência não muda a psique dos homens que bateram nelas, nem muda a cultura que promove e perdoa a brutalidade deles. Atacar a heterossexualidade faz pouca coisa para o fortalecimento do autoconceito da multidão de mulheres que deseja estar com homens. Denunciar o trabalho doméstico como ocupação subalterna não faz a dona de casa recuperar o orgulho e a dignidade por sua atividade que lhes foram arrancados pela desvalorização patriarcal. Exigir um fim ao sexismo institucionalizado não garante o fim da opressão sexista.

A retórica do feminismo com ênfase em resistência, rebelião e revolução criou uma ilusão de militância e radicalismo que mascarou o fato de que o feminismo de maneira alguma foi um desafio ou uma ameaça ao patriarcado capitalista. A fim de disseminar a noção de que todos os homens são criaturas privilegiadas com acesso a satisfação pessoal e libertação pessoal negadas às mulheres, como as feministas fazem, é dar mais credibilidade à mística sexista do poder masculino que proclama que tudo o que é masculino é superior por natureza ao que é feminino. Um feminismo tão enraizado na inveja, no medo e na idealização do poder do homem não pode expor o

efeito desumanizador do sexismo nos homens e nas mulheres na sociedade estadunidense. Hoje, o feminismo oferece às mulheres não a libertação, mas o direito de agir como homens-substitutos. Ele não ofereceu um plano para mudança que levaria à eliminação da opressão sexista ou a uma transformação de nossa sociedade. O movimento de mulheres se tornou uma espécie de gueto ou campo de concentração para as mulheres que buscam conquistar o tipo de poder que sentem que os homens têm. Oferece um fórum para a expressão dos sentimentos delas de raiva, inveja, ira e decepção com os homens. Oferece um clima onde mulheres que têm pouco em comum, que talvez tenham rancor ou até mesmo se sintam indiferentes umas com as outras possam se conectar a partir dos mesmos sentimentos negativos em relação aos homens. Finalmente, dá às mulheres de todas as raças, que desejam assumir a posição imperialista, sexista, racista de destruição que os homens têm, uma plataforma que permite a elas agir como se a conquista de seus objetivos pessoais e de sua cobiça por poder fosse para o bem comum de todas as mulheres.

Agora mesmo, as mulheres nos Estados Unidos estão testemunhando a morte de mais um movimento pelos direitos das mulheres. O futuro da luta coletiva feminista é desolador. As mulheres que se apropriam do feminismo para avançar em suas próprias causas oportunistas alcançaram os fins que desejavam e já não estão mais interessadas no feminismo como ideologia política. Várias mulheres que se mantêm ativas em grupos e organizações pelos direitos das mulheres se recusam, com teimosia, a criticar a análise distorcida do destino da mulher na sociedade popularizada pelo movimento de libertação das mulheres. Uma vez que essas mulheres não são oprimidas, elas podem apoiar um

movimento feminista que é reformista, racista e classista, porque elas não veem a necessidade urgente de mudanças radicais. Apesar de as mulheres nos Estados Unidos terem chegado mais perto de obter igualdade social com os homens, o sistema patriarcal capitalista não mudou. Ainda é imperialista, racista, sexista e opressor.

O movimento de mulheres recente não abordou adequadamente a questão da opressão sexista, mas essa falha não muda o fato de que ela existe, que nós somos vitimadas por ela em vários graus, nem livra qualquer uma de nós de assumir responsabilidade por uma mudança. Várias mulheres negras são diariamente vitimadas pela opressão sexista. Com muita frequência, aguentamos nossa dor em silêncio, esperando com paciência pela mudança. Mas nem a aceitação passiva nem a tolerância estoica levam à mudança. A mudança somente ocorre quando há ação, movimento, revolução. A mulher negra do século XIX era uma mulher de ação. O sofrimento dela, a dureza do destino dela, em um mundo racista e sexista, e sua preocupação com a condição difícil das outras a motivaram a se juntar à luta feminista. Ela não permitiu que o racismo das defensoras brancas dos direitos das mulheres ou o sexismo dos homens negros impedisse seu envolvimento político. Ela não contou com grupo nenhum para proporcionar a ela um plano de mudança. Ela era uma planejadora. Em um discurso proferido para uma plateia de mulheres, em 1892, Anna Cooper expressou com orgulho a perspectiva da mulher negra sobre o feminismo:

Permita que a declaração da mulher seja tão ampla no concreto quanto no abstrato. Nós defendemos nossa posição em relação à solidariedade da humanidade, à unicidade da

vida e à noção de que todos os favoritismos, seja por sexo, raça, país ou condição, não são naturais, são injustos. Se um elo da corrente estiver quebrado, a corrente está quebrada. Uma ponte não é mais forte do que sua parte mais fraca, e uma causa não tem mais valor do que seu elemento mais fraco. Menos ainda, uma causa das mulheres não pode condenar as fracas. Queremos, então, como trabalhadoras pelo triunfo universal da justiça e dos direitos humanos, ir para casa depois deste congresso exigindo nossa entrada, a de nossa raça, nosso sexo, nosso setor, não por meio de um portão, mas por uma grandiosa autoestrada para a humanidade. A mulher negra sente que a causa da mulher é uma e é universal; e isso não enquanto a imagem de Deus, seja a da Ilha de Paro ou a de ébano, for sagrada e inviolável; não enquanto raça, cor, sexo e condição forem vistos como acidentes e não como substância da vida; não até admitir-se que o título universal da humanidade para a vida, a liberdade e a busca da felicidade seja inalienável para todos; não até quando a luta da mulher não estiver ganha – não a da mulher branca nem a da mulher negra nem a da mulher vermelha, mas a causa de todos os homens e de todas as mulheres que tiverem se contorcido silenciosamente sob um poderoso erro. Os erros da mulher estão, portanto, indissolavelmente conectados com toda miséria sem defesa, e a conquista de seus “direitos” significará o triunfo final de todo o bem sobre o poder, a supremacia das forças morais da razão e da justiça e do amor no governo das nações na terra.

Cooper falou em seu nome e no de milhares de outras mulheres negras que nasceram no período da escravidão, que, por terem sido severamente vitimadas, sentiam compaixão

e se preocupavam com a situação difícil de todas as pessoas oprimidas. Se todas as defensoras dos direitos das mulheres tivessem compartilhado de seus sentimentos, o movimento feminista nos Estados Unidos seria verdadeiramente radical e transformador.

O feminismo é uma ideologia em processo de construção. De acordo com o Dicionário Oxford de Inglês, o termo “feminismo” foi usado pela primeira vez na segunda metade do século XIX e foi definido como o que tem “qualidades de fêmea”. O significado do termo foi aos poucos sendo transformado e a definição de feminismo no dicionário do século XX é “[uma] teoria da igualdade política, econômica e social dos sexos”. Para várias mulheres, essa definição é inadequada. Na introdução de *The Remembered Gate: Origins of American Feminism*, Barbara Berg define feminismo como um “movimento amplo que acolhe as várias fases da emancipação da mulher”. Ela ainda afirma:

É a liberdade para decidir o próprio destino dela; é a libertação do papel determinado pelo sexo; a libertação das restrições opressivas da sociedade; a liberdade para expressar seus pensamentos por completo e convertê-los livremente em ações. O feminismo exige a aceitação do direito da mulher em consciência e julgamento individual. Postula que o valor essencial da mulher tenha origem em sua humanidade comum e não dependa de outros relacionamentos da vida dela.

Sua ampla definição de feminismo é útil, mas limitada. Várias mulheres descobriram que nem a luta por “igualdade social” nem o foco em uma “ideologia de mulher como ser

autônomo” são suficientes para livrar a sociedade do sexismo e da dominação do homem. Para mim, o feminismo não é simplesmente uma luta para acabar com o chauvinismo masculino ou um movimento para garantir que as mulheres tenham direitos iguais aos dos homens; é um compromisso para erradicar a ideologia de dominação que permeia a cultura ocidental em vários níveis – sexo, raça e classe social, para citar alguns – e um comprometimento de reorganizar a sociedade dos Estados Unidos de maneira que o autodesenvolvimento das pessoas possa preceder o imperialismo, a expansão econômica e os desejos materiais. As autoras de um panfleto feminista publicado anonimamente em 1976 incitavam as mulheres a desenvolver consciência política:

Em todas essas lutas devemos ser assertivos e desafiadores, combatendo a tendência profundamente arraigada nos estadunidenses de serem liberais, ou seja, evitar lutar por questões de princípios por medo de criar tensões ou se tornar impopular. Em vez disso, devemos viver a partir do princípio dialético fundamental: o progresso acontece somente com a luta para solucionar contradições.

É uma contradição que as mulheres brancas tenham estruturado um movimento de libertação das mulheres que é racista e exclui várias mulheres não brancas. No entanto, a existência dessa contradição não deveria levar qualquer mulher a ignorar as questões feministas. Com frequência mulheres negras me pedem para explicar por que eu digo que sou feminista e, ao usar esse termo, aceito me aliar a um movimento que é racista. Digo, “a pergunta que devemos fazer repetidas vezes é como as mulheres racistas podem dizer que são feministas”.

É óbvio que várias mulheres se apropriaram do feminismo para servir a seus próprios fins, sobretudo, aquelas mulheres brancas que estiveram à frente do movimento; mas, em vez de resignar-me a essa apropriação, escolho apropriar-me do termo “feminismo”, para focar no fato de que ser “feminista”, em qualquer sentido autêntico do termo, é querer para todas as pessoas, mulheres e homens, a libertação dos padrões de papéis sociais, da dominação e da opressão sexistas.

Hoje, uma multidão de mulheres negras nos Estados Unidos se recusa a reconhecer que tem muito a ganhar com a luta feminista. Elas temem o feminismo. Elas ficaram estagnadas por tanto tempo que têm medo de se mover. Elas temem a mudança. Temem perder o pouco que têm. Elas têm medo de confrontar abertamente as feministas brancas com seu racismo ou os homens negros com seu sexismo, sem falar em confrontar os homens brancos com seu racismo e sexismo. Ouvi muitas mulheres negras, em ambiente íntimo, expressarem uma crença no feminismo e criticarem com eloquência o movimento de mulheres, explicando sua recusa em participar. E testemunhei a recusa delas em expressar os mesmos pontos de vista em ambientes públicos. Sei que o medo delas existe, porque nos viram pisoteadas, estupradas, abusadas, assassinadas, ridicularizadas e menosprezadas. Somente algumas mulheres negras reavivaram o espírito da luta feminista que mexeu com o coração e a mente das nossas irmãs do século XIX. Nós, mulheres negras que defendemos a ideologia feminista, somos pioneiras. Estamos abrindo um caminho para nossas irmãs e para nós mesmas. Esperamos que, ao nos verem alcançar nosso objetivo – não mais vitimadas, não mais ignoradas, não mais amedrontadas – elas criarão coragem e nos seguirão.